

MARCÍLIO MARQUES MOREIRA

Se interpretação da realidade e previsão do futuro são atividades de alto risco em tempos de tranquilidade, quão mais incerto e são em momentos de sobressaltos. Crise asiática, ameaça de deflação mundial, risco de retração econômica, dúvidas sobre o Real: o que se pode enxergar através dessa floresta de pontos de interrogação?

Recém-chegado de viagens ao exterior, posso resumir opiniões ouvidas de interlocutores os mais diversos: a reação brasileira à "ameaça asiática" foi exemplar. *Tempestiva*, porque reverteu, pela elevação inequívoca dos juros, perigo de sangria de dólares. *Eficaz*, porque as medidas, tanto na área de receita quanto na de despesas, promoveram correção fiscal impostergável. *Profunda*, porque ao mobilizar opinião pública, Executivo e Congresso, fez avançar reformas estruturais que se arras-

tavam há anos.

E quais serão as consequências para a economia brasileira. As incertezas, é claro, permanecem. A crise asiática é mais extensa e complexa do que se pensava e exigirá tempo para solução. Entretanto, a robustez da economia americana e a recuperação da Europa são pilares suficientemente sólidos

**Inflação
continuará a
trajetória
de queda,
com média
anual de 3%**

para evitar que a crise pacífica se traduza em deflação mundial.

Nessas circunstâncias, o crescimento econômico brasileiro, que antes da crise se projetava entre 4% e 5%, perderá impulso para situar-se entre 1% e 2%. A inflação, por sua vez, continuará a trajetória de queda, com média anual de 3% em 1998.

Menor atividade econômica desestimula importações e incentiva exportações, o que deve contrabalançar perda relativa de competitividade frente aos asiáticos, cujas consequências vêm sendo exageradas, ao se esquece-

rem os efeitos perversos das maxidesvalorizações. Com isso, o déficit comercial poderá cair para US\$ 5 bilhões e o em conta corrente para 3,5% do PIB, nível cujo financiamento é viável, tendo em vista investimentos diretos já programados e privatizações contempladas para o ano.

Desvalorização mais acelerada do real (além da trajetória deslizante de hoje) é carta fora do baralho. Seria um tiro no pé: reacenderia a inflação, minaria a credibilidade, reduziria os salários reais, ameaçaria transformar-se em desmancha fora de controle, o que viria a exigir juros ainda mais altos. Acresce que o real hoje é âncora não só da estabilidade brasileira, mas também da do Mercosul e de toda América Latina.

O clima econômico em 98 deverá ser árido, mas não catastrófico. Acirramento inflacionário, real desvalorizado ou desemprego maciço são improváveis. O que é mais importante: se concretizada melhora significativa nas contas públicas — até hoje o calcanhar de aquiles do Plano Real — e se o Congresso aprovar sem delonga as reformas ad-

ministrativa e previdenciária, restabelecer-se-ão a confiança e o espaço necessários para a condução de políticas públicas mais eficazes sobretudo no campo social.

Tais avanços permitirão atacar, no próximo quadriênio presidencial, problemas cruciais: emprego, educação básica, treinamento e retreinamento da mão-de-obra, recuperação do sistema de saúde pública, reconstrução da infra-estrutura, reformas estruturais de segundo grau, retomada dos níveis de poupança e investimento e, conseqüentemente, do desenvolvimento em bases estáveis e sustentadas.

Se soubermos fazer o nosso dever de casa, poderemos chegar à virada do século com o real consolidado e com crescimento econômico de 6% ao ano, os mesmos níveis do pós-guerra, em termos per capita. O futuro da economia brasileira não depende de turbulências ou bonanças externas. Ele está em nossas próprias mãos.

■ **Marcílio Marques Moreira** foi ministro da Economia e é conselheiro sênior internacional da Merrill Lynch